

Diálogos e Pontes

O centro invisível a que cada ponte aspira chegar é um ponto de equilíbrio e de um mútuo reconhecimento, onde os dois lados se tornam num só. Um ponto onde o tempo e o espaço deixam de existir. Onde, muito para além da aceitação, as diferenças se dissolvem e se fundem. Este ponto, no meio da ponte, que parecia ser um ponto de tensão entre dois opostos, alberga em si a semente da profunda paz, do aqui e agora. Ele estabelece a comunicação e oferece solidez entre as duas margens, tal como a última pedra colocado no topo de um arco.

Miguel Ângelo, criou este ponto mágico, ao pintar os braços esticados de Deus e do Adão ao alcance um do outro. E na possibilidade de poderem tocar levemente nos dedos um do outro criam uma ponte entre a terra e o céu.

A pergunta é: para onde olhamos? para Deus? para o longe, no céu, na sua nuvem em forma de crânio (ou de pensamento?) segurado pelos anjos para não cair? Ou olhamos para o homem, preso à terra, pesado, e não parecendo querer fazer grande esforço para se levantar e tocar na mão de Deus. Ou olhamos, quiçá, para o espaço vazio entre os dedos? o centro, imaterial e invisível, mas com um enorme potencial enquanto espaço de diálogo e ponte entre ambos? Esse vazio é tão poderoso que, ao contemplá-lo, quase conseguimos sentir uma faísca.

Ao mesmo tempo Deus e o Homem não estão separados. A pintura é toda feita da mesma substância. A tinta está em toda a parte como uma única película, mas cria a ilusão da separação através da cor e da forma. Visto de perto, o espaço entre os dedos, está tão cheio de tinta como a própria mão. O próprio vazio é ilusório.

Talvez por isto, o silêncio, ou a ausência de traços, ou o vazio em si, nos é tão desconfortável. Este lugar, onde tudo existe em potencial, mas nada em concreto, assusta-nos com o medo da morte. Nada se move, nada pensa, nada é. Tentamos desesperadamente criar pontes sobre esta ausência, para nos sentirmos vivos. Sentimos a necessidade de preencher o espaço, com coisas, com sons, com ideias, e com palavras, para afirmar a nossa existência. No entanto, tudo isto nasceu deste mesmo vazio, deste mesmo nada, que tanto tentamos evitar.

Por momentos, o corajoso escultor vai para este ponto e toca nele. Propõe-se retirar da pedra, o excesso, para tornar visível o que já se encontra ali, emprisionado. Mas ele já viu, porque teve coragem de ir lá, onde todas as coisas nascem.

O músico procura tornar audível o tempo e o espaço, e cria pontes sobre o silêncio entre duas notas.

O arquiteto faz uma tentativa de recriar pontes e diálogos entre o interior e o exterior, projetando janelas e portas nas barreiras, que ele próprio levantou na sua imaginação.

O poeta procura tornar visíveis e audíveis as palavras que pairam no ar e no seu peito, para aliviar o peso que elas tenham sobre ele.

A bailarina procura tornar visível o movimento e a leveza no espaço e no tempo, e quase nos faz acreditar que temos asas e conseguimos voar.

O pintor acaba por tornar visível o invisível num eterno exercício de equilíbrio. Cada gesto (ou pincelada, forma, cor, textura) requer um outro gesto para o equilibrar e, ao fazer isto, cria um subtil centro invisível no meio dos dois gestos. Assim, como uma pessoa, que dá um passo necessita de dar o passo seguinte para não perder o equilíbrio, o pintor é levado a fazer as pinceladas seguintes. Ele acaba por criar ligações (invisíveis ou não) sobre centros (invisíveis) entre cores, formas, ou texturas semelhantes.

Cada pintura, acaba por ser um exercício de pontes e diálogos, interiores e exteriores, pontes no espaço e no tempo, entre ontem e hoje. Tentativas de fazer sentido do mundo, com a esperança e a fé, a fazer pontes para o futuro.

Todas as artes constroem pontes e diálogos entre o visível e invisível, entre o existente e o inexistente, entre o imaginado e sua materialização.

No entanto, não devemos esquecer a ligação, que todas estas artes constroem entre e o coração e a mão de quem as retirou do vazio, e o olhar e o coração de quem as aprecia...

É o próprio rio que faz a ponte
entre a montanha e o mar,
e ao mover mundos e fundos,
no seu leito a murmurar,
descobre grandes oceanos,
feitos nuvens, feito ar.
...afinal a ponte não é precisa,
e foi tudo ilusão,
que as duas mãos criaram:
aparência e separação
Mas enquanto o lado esquerdo,
não sabe o que o direito faz,
construímos diálogos e pontes
da cabeça e do coração.
Ainda que para estes,
Não lhes resta outra solução
do que fazê-las sentir juntas,
...as mãos...
em prece e oração.

Inez Wijnhorst
2018